

**DE FANÁTICOS A PROTAGONISTAS: A ESCRITA DE FÃ
NA SUBCULTURA REAL PERSON FIC**

Beatriz Costa Garrido (UNEB)

beatrizcostagarrido@gmail.com

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)

betylyma@gmail.com

RESUMO

A escrita de fã destaca-se, na contemporaneidade, pelo grande número de produções, principalmente com o advento de plataformas digitais voltadas para a publicação desse tipo de textualidade. Estas ficções possibilitam que os fãs exerçam o papel de protagonistas ao criticar, criar e recriar. Se, por um lado, esses fãs-escritores são considerados criativos e participativos (JENKINS, 2015), por outro, são identificados como exagerados e infantis. A ideia do fã como excessivo e juvenil é perpetuada pelas próprias comunidades de fãs, os *fandoms*, ao classificar a Real Person Fiction (*Fanfics* de pessoas reais) como inferior frente à produção de *fanfics* consideradas tradicionais. O presente trabalho pretende examinar o processo de protagonismo do fã-escritor de Real Person Fic, a partir da produção de fã da escritora Catarina Rodrigues na obra *Dark Jeans* (2014). Para isso, a pesquisa pautou-se em uma abordagem bibliográfica, baseando-se nas reflexões de Jamison (2017) e Arrow (2017) a respeito do fenômeno *Fanfiction* e na análise da cultura participativa dos fãs de Jenkins (2015).

Palavras-chave:

Fanfic. Dark Jeans. Real Person Fic.

ABSTRACT

The fan writing stands out, in contemporaneity, for its large number of productions, mainly with the advent of digital platforms aimed at the publication of this kind of text. These fictions make it possible for the fans to exert the part of protagonists by criticizing, creating, and recreating. If, on the one hand, these fan writers are considered creative and participative (JENKINS, 2015), on the other, they are identified as exaggerated and childish. The idea of the fan as excessive and juvenile is perpetuated by the fan communities themselves, the *fandoms*, by classifying the Real Person Fiction as inferior compared to the production of *fanfics* considered traditional. The present work intends to examine the protagonism process of the fan writer of Real person fic, from the fan production of the writer Catarina Rodrigues in the work *Dark Jeans* (2014). For this, the research was based on a bibliographic approach, based on the reflections of Jamison (2017) and Arrow (2015) regarding the *Fanfiction* phenomenon and the analysis of fan participative culture by Jenkins (2015).

Keywords:

Fanfic. Dark Jeans. Real Person Fic.

1. Introdução

Os fãs são figuras centrais na cultura do entretenimento, muito embora sejam enquadrados e rotulados como “exagerados” e “infantis”. Os estereótipos quanto ao fã e sua posição na sociedade têm origem no próprio significado da palavra, pois Fan é a abreviação de *fanatic*, originada da palavra latina *fanaticus*. Em sua origem, *fanaticus* tinha como significado alguém que “servia um templo”, era “devoto” (JENKINS, 2015). Entretanto, ao longo de seu uso, a palavra ganhou um teor pejorativo, sendo associada a excessos religiosos, crenças e reverências exageradas (JENKINS, 2015). Contudo a abreviatura “fan” (fã) tem origem no final do século XIX, utilizada quando jornalistas se referiam aos seguidores de esportes, principalmente beisebol. Apesar do teor mais leve que os jornalistas empregavam ao utilizar o termo “fã”, ele não se distancia da ideia de um comportamento tipificado como exagerado e irracional.

O teor pejorativo atrelado à figura do fã vem sendo consolidado pela mídia ao longo do tempo, desde matérias jornalísticas exibindo fãs desesperados dormindo na rua para conseguir ingressos de *show*, às atitudes insanas para conhecerem alguma celebridade. Casos passionais que ganharam o noticiário de crimes envolvendo fãs terminaram por caracterizá-los como psicopatas que fantasiam e nutrem sonhos de relacionamento íntimo com seus ídolos e, ao se sentirem insatisfeitos e frustrados, tomam atitudes violentas, tornando-se perseguidores, sequestradores e até mesmo assassinos (JENKINS, 2015). Os exemplos mais notórios foram o caso de Dwight Chapman, fã e assassino de John Lennon ou John Hinkley, fã obsessivo que tentou matar o então Presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan para impressionar a atriz norte-americana Jodie Foster.

O estereótipo do fã como emocionalmente instável, maníaco e perigoso também é frequentemente corroborado pela ficção, como em *Misery: Louca Obsessão* (2014), obra do escritor norte-americano Stephen King. Em *Misery*, Paul Sheldon é um escritor *Best-seller*, que após sofrer um acidente de carro é socorrido pela enfermeira aposentada Annie Wilkes, que se autointitula fã número um de seus livros. O teor do fã obsessivo e doente é introduzido na obra de King quando a personagem Annie descobre o desfecho do último livro de Sheldon, ainda não publicado, e fica extremamente insatisfeita. Essa insatisfação como fã é o ponto de partida para ela realizar uma série de torturas e ameaças a Paul Sheldon que só chegarão ao fim se ele reescrever o final indesejado.

O conceito estereotipado e pejorativo de fãs e grupos de fãs – os *fandoms* – também se perpetua porque a cultura do fã opera transgressões na ideia de consumo e produção cultural. Jenkins (2015) entende que o fã não ocupa mais a posição de espectador passivo, ele é participativo. Essas comunidades não se abalam com a autoridade institucionalizada de editoras ou estúdios de cinema ao assumirem um posicionamento crítico, afirmando o direito de criticar, criar e recriar. Desta forma, a figura do fã destaca-se na cultura contemporânea de maneira diferente de como ele é retratado pela mídia televisiva e em obras de ficção, deixando atitudes de fanático e assumindo um papel de protagonista.

No livro *Fandom* (2007), Gray divide os *fandoms* em três “ondas”. Essas “ondas”, termo definido pelo autor, separa os *fandoms* iniciais em fanáticos, vitimizados e estereotipados dos *fandoms* atuais, agora vistos como criativos, participativos e peças centrais da cultura do entretenimento. A primeira onda tinha o objetivo de anular a imagem patológica atrelada aos grupos de fãs, denominando-se como “Fandom is beautiful”. Essa onda buscava elevar esse fã produtivo, mostrando como a comunidade é participativa e criativa. Nessa etapa, coloca-se em evidência a produtividade e a criatividade dos fãs enquanto produção de *fanfics*, *fanzines*, *fanarts*, *fanvideo*.

Na segunda onda, há uma maior aproximação entre celebridades (políticos, atores, músicos) e os *fandoms*. Essas celebridades passam a manifestar declarações dos seus gostos, como música preferida, leitura do momento, na tentativa de estabelecer um vínculo com as comunidades de fãs. Observa-se, portanto, que os fãs já não são criticados, e sim corteados pela indústria do entretenimento. De acordo com Gray (2017) é a terceira onda que de fato, estabelece o fã como figura de valor, consolidando sua importância na cultura contemporânea.

O protagonismo do *fandom* é intensificado pelo advento da internet. As interações entre fãs que ocorriam através de trocas de cartas e encontros presenciais, hoje podem ser realizadas através de redes sociais como *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*. Com as redes sociais como palco para a articulação desses grupos, as barreiras geográficas são eliminadas, permitindo um *fandom* cada vez mais amplo. São comunidades que se formam a partir de um gosto em comum por algo, partindo da possibilidade de poder interagir. Essa desterritorialização dos *fandoms* foi de extrema importância para o crescimento exponencial das formações de nicho. Dessa forma, as culturas voltadas para as massas se desenvolvem

dentro de microculturas, funcionando como *subfandoms* ou subculturas (MONTEIRO, 2013).

Ao participar de um *fandom* são construídas diferentes relações que se organizam como uma espécie de sociedade alternativa. Esses grupos, portanto, formam o que Lévy (2007) identifica como “inteligência coletiva”: os fãs se mobilizam, conversam entre si, se ajudam, criam e recriam. Além dessa inteligência coletiva, Jenkins (2008) caracteriza os fãs como consumidores que produzem e leitores que escrevem. A combinação entre Inteligência Coletiva e Cultura Participativa possibilita uma extensa produção de fãs, como as *fanzines*, *fanfics*, *fanarts* e *fanvideos*.

2. A escrita de fãs: *fanfictions*

No extenso universo das práticas de fãs, as *fanfictions* se destacam quanto ao número de produções e de vastas subculturas que se formam a partir desta escrita. O termo *fanfiction* — também designado como *fanfic* ou apenas *fic* — é resultado da junção de duas palavras inglesas “*fan*” e “*fiction*” sendo utilizado para identificar as “Ficções de fãs”: histórias fictícias escritas por fãs a partir de uma obra original preexistente, envolvendo cenários e personagens dessa trama, considerada uma trama de “base” (JENKINS, 2015). A produção de *fic* surge a partir da iniciativa de fãs que sentem a necessidade de ampliar o contato do universo ficcional para além das produções originais. Dessa forma, as *fanfics* permitem a criação de mundos alternativos com a mistura de diversos cenários fictícios, possibilitando imaginar uma série televisiva, filme, banda ou personagens preferidos de uma maneira diferente. Estas narrativas não possuem intuito de quebra de direitos autorais, além de não envolver, na maioria das vezes, a intenção de lucro com a venda dessas criações, permanecendo, assim, no terreno da criação e imaginação (JAMISON, 2017).

A produção de *fanfiction* sofre alguns estigmas na cultura contemporânea. Muitas vezes, seus escritores são considerados plagiadores, pessoas sem criatividade, “ladrões” de obras alheias. George R.R. Martin, autor de “Crônicas de gelo e fogo” – obra de sucesso adaptada para TV pela emissora norte-americana HBO – faz uma série de críticas às ficções de fãs afirmando que os fãs são preguiçosos ao utilizarem um universo e personagens que não pertencem a eles. (ROBINSON, 2013). Portanto, para o escritor R.R. Martin, a escrita de *fanfics* não é indicada

para escritores iniciantes, já que não criam seus próprios personagens e universos.

O posicionamento do autor diante das produções de fãs é oposto à definição de Cultura Participativa proposta por Jenkins (2015), na qual consumidores, espectadores e leitores passam a produzir, participar e escrever. Ao analisar o ambiente de publicação de *fanfics*, nota-se o quanto a escrita dessas narrativas pode desenvolver futuros escritores em potencial e enriquecer a comunidade com textos literários, bem como a posição de poder e protagonismo que o fã adquire ao desenvolver o seu próprio universo. Em face disso, muitos escritores passam a estimular a produção de fãs. J.K Rowling, autora de *Harry Potter*, afirma sentir-se lisonjeada pelas criações dos fãs tendo como base sua obra (VELASCO, 2019). O apoio da autora às práticas de fãs (fanzines, fanfics, fanarts) resultou na criação da premiação “FSA – Fã site Award”, cujo prêmio a escritora entrega aos melhores sites de fãs dedicados ao universo de Harry Potter. O site brasileiro Potterish, considerado o maior portal da série de livros na América Latina, foi premiado pela autora. Acerca das produções do fandom, o portal afirma “todo o trabalho é feito de forma voluntária, com amor e profissionalismo, de fã para fã”¹⁹³.

Apesar dos diferentes posicionamentos de autores consagrados pelo mercado editorial quando o assunto é *fanfiction*, é importante considerar que o estigma ligado às escritas de fãs não se dá apenas pela quebra da ideia tradicional de escrita e autoria, pois dentro da própria comunidade de fic há uma série de preconceitos e desaprovações. Jamison (2017) considera que não há comunidade unificada de fic com uma única preocupação e objetivo. A escrita de *fanfics* se desenvolve ao redor de livros, filmes, televisão e a partir dessas comunidades criam-se grupos menores que se alinham através de gostos extremamente específicos, por semelhanças identitárias, tais como, gênero, sexual, étnico ou até comunidades que se formam em oposição a outras comunidades, formando subculturas.

Dentro do contexto de múltiplas formações de subculturas, há também diferentes recepções. Alguns *fandoms* tornam-se mais valorizados, já outros são considerados problemáticos e seus integrantes caracterizados como juvenis, fantasiosos e exagerados, retomando a ideia do fã patológico. Há, portanto, uma distinção entre o que os escritores e leitores de *fic* consideram *fanfictions* tradicionais, isto é, narrativas que se

¹⁹³ Disponível em: <https://potterish.com/sobre-o-potterish/>. Acesso em: 15 de jul. 2020.

desenvolvem a partir de obras originais (livros, filmes, séries), e as que se desenvolvem a partir de subculturas, geralmente zombadas e menos-prezadas pela comunidade dita tradicional, algo muito recorrente nas produções que surgem a partir da subcultura Real Person Fic.

3. A comunidade Real Person Fic e sua produção

A Real Person Fic (RPF), de tradução literal “Ficção de Pessoa Real” é uma subcultura que se destaca por se diferenciar do que a comunidade de fãs considera como “tradicional”. A distinção ocorre porque a RPF utiliza “pessoas reais”, mais especificamente celebridades, como personagens de suas narrativas. Pelo uso de celebridades – atores, cantores, modelos – os fãs-escritores são associados, novamente, ao fã “fanático”, apontados como adolescentes que sonham com seus ídolos e fazem dessas narrativas seu diário íntimo. Logo, a RPF é considerada por outros *fandoms* como extremamente assustador e juvenil (ARROW, 2017).

Arrow (2017), ao observar as produções de *fanfics* dentro da subcultura de Real Person Fic, afirma: “Há *fanfictions* de atores, há *fanfictions* de políticos e há *fanfictions* de figuras históricas, mas a maioria de RPF é de músicos” (p. 315). A intensa produção de *fanfics* com músicos reforça o estigma que essas comunidades recebem, já que a maior parte das *fics* são sobre *boybands* – grupos em que todos os integrantes são garotos – e o público alvo dessas *boybands* costumam ser adolescentes, reforçando a concepção do ar juvenil e fantasioso. A este movimento de inferiorização, Arrow pontua (2017, p. 317): “A implicação das críticas da RPF de pop music é que, como você gosta de lixo, você naturalmente deve produzir *fanworks* lixo”.

Grande parte das ficções dessa subcultura é considerada de *slash*, comunidade que se concentra na atração interpessoal e sexual entre personagens do mesmo sexo. Fãs se utilizam de “barras invertidas” (/), em inglês *slash*, para identificar as relações entre os personagens, assim fica de fácil reconhecimento qual relacionamento homossexual a narrativa ficcional se refere. O *slash* é visto pela primeira vez no *fandom* de Jornada nas Estrelas nos anos 70 (JENKINS, 2015), porém com o advento das redes sociais, a maior parte dos *fandoms* que produz *slash* hoje é de bandas. Arrow afirma (2017, p. 315): “virtualmente toda banda popular nos últimos cinquenta anos que inclui pelo menos dois homens teve um *fandom* RPF *slash*”.

Além das *fits* de *slash*, são populares neste *fandom* a “AU”, sigla para Alternative Universe: Universos Alternativos em que essas celebridades assumem novos papéis. No Universo Alternativo os membros das *boybands* não são membros da banda. De cantores de sucesso mundial, esses artistas passam a ser criados a partir da imaginação do fã e ganham novos contextos: são CEO, estudantes universitários, baristas que vivem uma vida fora dos holofotes do mundo artístico, ou seja, são “anônimos”.

Diferente das *fanfics* tradicionais, em que personagens pertencem a um universo ficcional já existente, o fã-escritor de RPF construirá seu personagem através de todo o material que encontra, desde entrevistas e biografias às postagens em redes sociais e fotos de *papparazi*. Logo, informações fornecidas em entrevistas ou um *post* no *Twitter* de uma celebridade funcionam como ponto de partida para a escrita do fã, pois, a partir desse material base, ele construirá hipóteses e teorias para sua criação ficcional (ARROW, 2017). Acerca dessa construção de personagem, Arrow (2017) observa que o fã utiliza de materiais “soltos” para criar uma imagem “total” de uma celebridade, e essa construção origina uma das maiores características da subcultura Real Person Fic: a tipificação. A passagem de pessoa “real” para personagem ficcional só é possível porque essas celebridades são reduzidas a tipos, são simplificadas a estereótipos mais consumíveis pela cultura fã: o bonito, o romântico, o engraçado, o *bad boy*.

O processo de tipificação na construção de personagens é um fator que contribui na popularidade de *fits* de *boybands*. Isso ocorre porque as *boybands* se constituem num formato pré-fabricado, cujo cada integrante assume uma personalidade tipificada e a desempenha através da mídia. Logo, a ficcionalização de integrantes de banda como personagens estereotipados não é novidade trazida pelas *fanfics*, pois é algo que se perpetua no meio musical. Ao se questionar se as celebridades são “pessoas reais” ou personagens, Francesca Coppa (2017) observa que os Beatles, considerados precursores das *boybands*, interpretavam a si mesmos em filmes tais como, “A Hard Day’s Night” e “Help”. Nestes filmes, são atribuídos aos membros da *boyband* determinados estereótipos: John Lennon, o inteligente; Ringo, o engraçado; e assim por diante.

A formação visual das *boybands* e o papel estereotipado que cada integrante desempenha foram fatores importantes para o sucesso de diversas bandas desde o Beatles, considerada inspiração para formação

desses grupos, tendo como fenômeno mais atual, a banda britânica One Direction (1D), revelada no reality show musical “The X Factor” em 2010. Seus personagens publicitários, termo utilizado por Arrow (2017) para designar a formação estereotipada dos integrantes da banda One Direction, são atrativos tanto para suscitar a admiração dos fãs, quanto para escrever *fanfictions*. Sem dúvida, estas bandas e histórias cativaram os públicos jovens que vislumbraram na escrita de *fanfics* maneiras de escrever, mudar, subverter as imagens dos seus ídolos.

4. A produção de *Real Person Fic*: o *fandom* de *One Direction*

Formada em 2010 por Simon Cowell, jurado do “The X Factor”, a banda One Direction, também conhecida como 1D, se destaca em relação às produções de fãs pelo grande número de *fanfics* publicadas em plataformas digitais. Composta por cinco garotos — Niall Horan, Zayn Malik, Liam Payne, Louis Tomlinson e Harry Styles — a banda, como se espera da formação de boybands, trabalha com personagens publicitários: “Niall Horan, o descolado; Zayn Malik, o sensível; Liam Payne, o maduro; Louis Tomlinson, o engraçado; e Harry Styles, o bonzinho.” (ARROW, 2017. p 315).

Apesar de pré-fabricados em seus devidos personagens criados pela indústria musical, as fãs de 1D mostram-se insatisfeitas com as “caixas” que seus ídolos são colocados, imaginando-os de diferentes maneiras frente a essa personalidade tipificada. A partir do questionamento de Coppa (2017) das celebridades serem “pessoas reais” ou personagens, o fã sente-se no dever de subverter esses estereótipos ou dar continuidade a eles, e isto foi possibilitado com a popularização da internet e das plataformas de *fanfiction*.

As primeiras *fanfics* foram publicadas em *fanzines* (revistas de fãs) na década de 1930, nos Estados Unidos, após décadas em formato impresso, a ideia migra para o universo online, sendo apropriada pela comunidade dos fãs de *best-sellers*, filmes e séries televisas. A partir daí diversas plataformas são criadas com exclusividade para a escrita do fã. A Fanfiction.net, ArchiveofOurOwn, Nyah! *Fanfiction* e a *Wattpad* são exemplos de plataformas que concentram grande número de ficções e acessos. Nelas, há divisões quanto aos *fandoms*, especificando se são produções que se originam dos universos de livros, filmes ou televisão. Quanto à produção de *fanfics* de celebridade, nota-se que algumas plataformas não possuem espaço dedicado para elas e até mesmo colocam

regras específicas para essa escrita. É o caso da Nyah! Fanfiction que, entre as regras do que é proibido publicar no site, destaca-se: “Histórias que utilizem pessoas reais (celebridades, atores e atrizes, etc.), com exceção de integrantes de banda e cantores. Nos últimos casos, é proibido postar histórias que incentivem qualquer tipo de discriminação e/ou que denigrem a imagem de alguém”.¹⁹⁴

Regras muito específicas e, até mesmo a proibição de RPF, surgem do receio de processos judiciais quanto ao direito de imagem, por estarem tratando não mais de personagens da ficção e sim “pessoas reais”. Ao se verem restritos, os fãs buscam plataformas que possibilitem a produção de maneira mais ilimitada e nesse sentido, a *Wattpad* tornou-se um grande meio de publicação desses *fandoms*. Com o uso de hashtags como “bandas”, “Boybands” ou “One Direction” diversas fics são encontradas. A intensa produção de RPF, mais especificamente fics de banda, resultou em um dos maiores fenômenos da rede *Wattpad*: a *fanfiction After* da fã-escritora Anna Tood.

Fanfic da banda *One Direction*, *After* é considerada um fenômeno ao conseguir 1 bilhão de leituras na *Wattpad*, ser publicada como livro em diversos países e ganhar adaptação para os cinemas. A obra concentra-se em Harry Styles, um dos integrantes mais populares de 1D. Na ficção de Toddy, Harry é retratado como um bad boy e estudante universitário, distanciando-se da figura do Styles como um cantor famoso. Quando a obra *After* é publicada pelo mercado editorial, e mais uma vez entrar a questão dos direitos de imagem, Harry Styles transforma-se em Hardin Scott, mantendo as iniciais “H” e “S”. Ao ser indagada sobre a mudança de nome e o uso de Harry Styles como personagem de uma narrativa de ficção Todd responde:

O Hardin apenas tem a aparência do Harry. Mas até isso está um bocado alterado, porque quando comecei a escrever o Harry não tinha tantas tatuagens. É uma espécie de concha com a aparência do Harry Styles, mas acho que o Hardin não tem nada a ver com o Harry Styles. Também fui buscar inspiração ao Damon, ao Chuck Bass, ao Mr. Darcy, a todos os rapazes rebeldes... e depois fiz a minha própria versão. (TRILHO, 2018)

Fazer a própria versão é um ponto central nessas histórias. Foi dentro da perspectiva de criar uma nova versão de “Harry Styles” que a fã-escritora Catarina Rodrigues, utilizando o *user* @Niallerismybatman, desenvolveu sua *fanfic Dark Jeans* que hoje

¹⁹⁴ Disponível em: https://fanfiction.com.br/pagina/9/regras_de_envio. Acesso em: 18 jul. 2020.

conta com mais de 3 milhões de leituras na rede *Wattpad*. Escrita em 2014, a *fic* foi vencedora do prêmio *Wattys Award* 2015, evento anual criado pela plataforma *Wattpad* para premiar obras que tiveram destaque durante o ano, na categoria “As mais populares”.

Em *Dark Jeans*, Harry Styles é um aluno de uma escola integral em Londres que se apaixona por Blue Hemmings, aluna recém-chegada da escola. Portanto, há na *fic* de Rodrigues a criação de um Universo Alternativo, em que essas celebridades assumem diversos papéis, no caso específico de *Dark Jeans* há um cantor mundialmente famoso sendo desenvolvido como um estudante de colegial “anônimo”. Blue, neste caso, é uma “OC”, sigla para o termo “Original Character”, muito utilizado nas comunidades de *fic* para diferenciar personagens que já existem de personagens criados. Harry Styles construído pela escritora não seria aceito pelo *fandom* como um “OC”, apesar de todo o processo criativo de Rodrigues ao desenvolver esse personagem, uma vez que se utiliza do nome e das características físicas de uma celebridade.

Através da análise da obra *Dark Jeans*, observa-se o processo de subversão realizada pelo fã ao escrever fanfictions, visto que o “Harry” de *Dark Jeans*, como o “Harry” de *After*, é desenvolvido como um bad boy misterioso, sombrio, distanciando-se da imagem do Harry Styles em entrevistas e nas postagens que faz em suas redes sociais, isto é, a figura do Styles reproduzida pela mídia. No trecho da *fanfic*, em uma conversa entre Blue e sua amiga Olivia (também considerada “OC”), observa-se essas características:

— Quem é o Harry? Eu perguntei, envergonhada.

— Ele é a pessoa mais calada que eu conheço, para ser sincera acho que nunca o ouvi falar à minha frente. O Louis é o melhor amigo dele, e talvez ele nem saiba nada sobre o seu passado. Começo a desconfiar que vem de uma família de bandidos. [...] Nunca ninguém soube o porquê de ele ser tão revoltado com a vida, sabes? Ele já fez muita merda nesta escola e continuo sem perceber como ele ainda não foi expulso. Se calhar até é filho do diretor ou assim.¹⁹⁵

Além de uma personalidade estereotipada, no caso específico de Catarina Rodrigues a tipificação do *bad boy*, há em *Dark Jeans* algo que se diferencia de outras produções do *fandom*: um Harry Styles com uma condição neurológica conhecida popularmente como sinestesia.

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.wattpad.com/45305196-dark-jeans-04-boys/page/3>. Acesso em: 10/11/2020.

Em seu prefácio, Catarina Rodrigues pontua o desenvolvimento do seu personagem: “Harry Styles talvez seja o típico rebelde escolar, mas este esconde o mágico poder de conseguir ver, ouvir e sentir tudo de uma maneira diferente, literalmente”¹⁹⁶.

Apesar do foco em Blue e Harry, protagonistas da fic, os outros quatro integrantes da banda *One Direction* são inseridos na narrativa, todos como estudantes colegiais. Ao examinar os demais personagens de *Dark Jeans*, observa-se, novamente, o processo de tipificação. Liam Payne, por exemplo, é caracterizado como cativante e carismático: “Ele é o tipo de pessoa carismática. Cativa toda a gente, por isso pode ser que ganhes mais confiança para falar com ele.”¹⁹⁷. Enquanto Niall Horan é caracterizado como uma pessoa engraçada: “Acho que a sua pessoa podia iluminar uma sala cheia de gente. Sentia falta de alguém assim na minha vida. Espero que um dia possamos ser amigos”¹⁹⁸.

Ao examinar as características atribuídas ao Liam Payne, Niall Horan e o Harry Styles, observa-se que Catarina Rodrigues dá continuidade à formação tipificada dos integrantes de uma *boyband*, ao construir personagens que seguem estereótipos específicos, como propõe Francesca Coppa (2017) ao analisar os integrantes dos Beatles, construídos como intérpretes de si mesmos no cinema.

5. Considerações finais

A proposta de Anna Todd em *After* e de Catarina Rodrigues em *Dark Jeans*, assim como tantas outras produções postadas nas plataformas de *fanfics*, como a *Wattpad*, mostram que não há limites para a imaginação do fã, pois na produção de fic tudo é possível e permitido. Narrativas de *slash* e os Universos Alternativos criados em torno de celebridades exibem a criatividade do fã-escritor e o papel de protagonista que ele passa a ostentar, em virtude desse status ter sido potencializado com o advento de plataformas que permitem o compartilhamento dessas ficções sem barreiras geográficas e temporais. O meio virtual

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.wattpad.com/40985817-dark-jeans-pref%C3%A1cio>. Acesso em 10/11/2020.

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.wattpad.com/45305196-dark-jeans-04-boys>. Acesso em: 15/11/2020.

¹⁹⁸ Disponível em: <https://www.wattpad.com/45305196-dark-jeans-04-boys>. Acesso em: 15/11/2020.

também foi um fator crucial para as atividades dos *fandoms*, uma vez que esses grupos se articulam através da interação entre os integrantes, em que cada participante desempenha uma função.

No âmbito desse processo de interação, cada membro é considerado um escritor em potencial. A partir da escrita, os fãs conseguem ascender nessa comunidade, ganhar o status de escritor e ter seus próprios fãs. Esse cenário permite que as atividades criativas e recreativas do fã se transforme numa carreira, como ocorreu com a autora Anna Todd. Os fãs, muitas vezes acusados de plagiadores preguiçosos, no contexto da cultura participativa, são ouvidos e considerados por um mercado extremamente tradicional: o mercado editorial. Plataformas como a *Wattpad* passam a funcionar como vitrines para as editoras que publicam essas ficções vislumbrando um número alto de vendas, afinal, são obras que já carregam um fandom organizado e participativo. Portanto, as fãs de *boybands*, como a *boyband One Direction*, desdenhadas pela mídia como adolescentes fanáticas e obsessivas, tornaram-se escritoras de sucesso.

Apesar de sofrer diversos estigmas dentro da própria comunidade de fãs, os escritores da subcultura Real Person Fic não diferem do escritor de *fanfiction* tradicional quando o assunto é sucesso, seja nas plataformas de publicação de fã, seja no mercado editorial. A formação pré-fabricada e tipificada das *boybands* reforça o sucesso desses personagens publicitários dentro da cultura do fã ao se converterem em objeto de valor dentro do mercado dos bens culturais.

O fã de RPF, mais especificamente o fã de banda, parte da especulação, levando a sua imaginação a criar diferentes cenários. Desta forma, entende-se a criação de *fanfics* como especulativa, isto é, trabalha com o “E se”: “E se Harry Styles for um *bad boy* com sinestesia?, “E se Harry Styles fosse um estudante universitário?”. Esse processo especulativo permite retirar as celebridades de um espaço distante, inalcançável, pois a partir da escrita de *fanfiction* o fã consegue cumprir desejos, fantasias, desenvolvendo sua imaginação. A subcultura Real Person Fic, portanto, tem como foco exclusivo a figura de um ídolo para moldá-lo conforme os desejos do fã, para trazê-lo para perto de si, transformá-lo de celebridade em marionete ficcional, sendo a escrita da *fanfiction* os fios de controle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROW, V. Real Person (a) Fiction. In: JAMISON, Anne. *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*. Trad. de Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

COPPA, Francesca. *The fanfiction Reader: folk tales for the digital age*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2017.

GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. *Fandom: identities and communities in a mediated world*. New York: New York University Press, 2007.

JAMISON, Anne. *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*. Trad. de Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad. de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Trad. de Érico Assis. Nova Iguaçu / Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.

KING, Stephen. *Misery: Louca obsessão*. São Paulo: Suma, 2014. Tradução Elton Mesquita.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MONTEIRO, Camila Franco. *Fãs, só que ao contrário: um estudo sobre a relação entre fãs e antifãs a partir do fandom da banda Restart*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2013.

ROBINSON, Joanna. *Hold on to your suspenders, George R.R. Martin Calls Fan Fiction “Lazy”*. Pajiba, 2013. Disponível em: <http://www.pajiba.com/miscellaneous/hold-on-to-your-caps-and-glasses-george-rrmartin-call-fan-fiction-lazy.php>. Acesso em: 16 jul. 2020.

TRILHO, Tatiana. *Anna todd: “O hardinscott não tem nada a ver com o harrystyles”*, 2018. Disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-anna-todd/>. Acesso em: 18 jul. 2020.

VELASCO, Ariane. *O que são fanfics? Saiba onde encontrá-las online*. Canaltech, 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/que-sao-fanfics-saiba-onde-encontra-las-online/>. Acesso em: 16 jul. 2020.